

na casa sobre a politica de corrupção que caracteriza a politica burguesa.

Queremos constatar a disparidade da palavra politica.

O director da «Voz do Povo» Consulta sobre Principios Socialistas, diz:

«Designio por politica a profissão de manter e dirigir a máquina com que se oprime o povo e se reforçam as oligarquias capitalistas ou não capitalistas, com ambições fundadas em interesses mal entendidos.»

Como é que se operou no cérebro deste autor tal disparidade de critério?

E' verdade que aquella definição foi feita em 1901, e no espaço de 15 anos mudam-se e rectificam-se em algo as ideas. Essas mudanças, porém, são a resultante das coisas se mudarem também. Mas estas, salvo no aspecto, em nada se modificaram. Acaso a politica, em 1901, não era já de corrupção? Acaso a politica, agora, não continua a ser a profissão de manter e dirigir a máquina com que se oprime o povo e se reforçam as oligarquias capitalistas ou não capitalistas?

E como é que em 1901 havia para a palavra politica uma definição com significado absoluto e agora é apenas parcial?

E' que naquele tempo M. J. da Silva não esperava ainda ser deputado...

E agora...

M. J. DE SOUSA.

ABECEDARIO

OS PARASITAS

As palavras mudam frequentemente de sentido.

Assim, Parasita, é uma palavra grega que significa, rigorosamente, Inspector de trigos. E com efeito, os antigos linguistas empregaram este termo para designar os sacerdotes encarregados de tomarem conta do trigo colhido nas terras sagradas, e darem banquetes públicos nos templos.

A princípio, gosaram, em Atenas, de grande reputação e estima, sentando-se ao lado dos magistrados. Mas, com o andar dos tempos e em virtude da sua sobreja assiduidade e intemperança nos banquetes, desacreditaram-se por tal forma — que a palavra Parasita tornou-se afrontosa, vindo a significar o que ainda hoje significa: o que vive á custa alheia, sem trabalhar. Em Roma houve imensas parasitas; só no tempo de Augusto, contavam-se mais de quarenta mil...

E hoje quantos haverá? Talvez seja impossível contá-los, porque a espécie parece que é muito prolífica...

Viva a democracia!

No jornal de Hervé, «La Victoire», Jorge Bienaimé escreve:

«Logo no começo da campanha se mostra em breve a falta de preparação do exercito austro-húngaro.

«Falta de artilharia e de munições, de equipamentos e sobretudo de chefes capazes; quanto a bons mapas, nada.

«O exercito da França republicana, da França pacifista, cujos defeitos e imperfeições tão facilmente são exagerados, estava no entanto muito mais pronto para a guerra do que o exercito do belicoso império de Francisco José.»

Ainda bem! Vê-se que a democracia não descurou o seu instrumento de defesa e que os malvados dos herveistas (primeiro modo de ser) não o embotraram como se dizia. E um bom alívio para a consciência inquieta do General Catavento.

Manifesto da Conferência de Zimmerwald

PROLETARIOS!

Vós, ontem explorados, espoliados, desprezados, recebestes o nome de irmãos e camaradas quando se tratou de vos enviar á carnificina e á morte. E hoje que o militarismo vos mutilou, dilacerou, humilhou, esmagou; as classes dominantes reclamam de vós a abdicção dos vossos interesses e do vosso ideal, numa palavra, uma submissão de escravos á paz social. Tiram-vos a possibilidade de exprimir as vossas opiniões, os vossos sentimentos, os vossos sofrimentos. Proibem-vos que formuleis as vossas reivindicações e que as defendais. A imprensa jugulada, as liberdades e direitos políticos calcados aos pés: é o reinado da ditadura militarista de mão de ferro.

Já não podemos nem devemos permanecer inactivos ante esta situação que ameaça o futuro da Europa e da humanidade.

Durante longos anos, empenhou luta contra o militarismo o proletariado socialista; os representantes deste, em seus congressos nacionais e internacionais, preocupavam-se com crescente apreensão dos perigos de guerra que o imperialismo fazia surgir, cada vez mais ameaçadores. Em Stuttgart, Copenhague, Basileia, traçaram os congressos socialistas internacionais o caminho a seguir pelo proletariado.

Mas, tendo embora contribuído para a elaboração dessas decisões, os partidos socialistas e as organizações operárias de certos países esqueceram-se, desde o começo da guerra, das obrigações que elas lhes impunham. Os seus representantes arrastaram os trabalhadores a abandonar a luta de classe, único meio eficaz da emancipação proletária. Concederam ás classes dirigentes os créditos de guerra; puseram-se ao serviço dos governos para tarefas diversas; com a sua imprensa e por meio de emissários, tentaram ganhar os neutros á politica governamental dos seus países respectivos; deram aos governos ministros socialistas como reféns da «União sagrada». Deixa forma, aceitaram, perante a classe operária, partilhando com as classes dirigentes as responsabilidades actuais e futuras desta guerra, dos seus fins e dos seus métodos. E assim como cada partido, separadamente, falhava á sua missão, assim também falhava á sua o mais alto representante das organizações socialistas de todos os países, o Secretariado socialista internacional.

Por causa destes factos é que a classe operária, que não cedera ao desvaio geral ou que dele se soubera livrar depois, não encontrou ainda, no segundo ano da matança dos povos, meio de empregar, em todos os países, uma luta activa e simultânea em favor da paz.

Nessa intolerável situação, nós, representantes de partidos socialistas, de sindicatos ou de minorias dessas organizações, alemães, franceses, italianos, russos, polacos, letões, romenos, búlgaros, suecos, noruegueses, holandeses e suecos, reunimo-nos para reatar os laços desfeitos das relações internacionais, para convidar o operariado a retomar a consciência de si e arrastá-lo á luta pela paz.

Esta luta é a luta pela liberdade, pela fraternidade dos povos, pelo socialismo. E' preciso empregar essa luta pela paz, pela paz sem anexações nem indemnizações de guerra. Mas só é possível tal paz se se contiver qualquer idea de violar os direitos e liberdades dos povos. Não deve levar nem á occupação de países inteiros, nem á anexações parciais. Nenhuma anexação confessada ou mascarada, nem tampou-

co uma intervenção armada á qual, em virtude da perda de auto-organização politica que ella acarreta, dá lugar a mais impleáveis condições de exploração para a nação de quem ter como base inabalável o direito que se tem de se defender por de si próprios.

PROLETARIOS!

Desde que se desencadeou a guerra, pusédes todas as vossas forças, toda a vossa coragem, toda a vossa resistência ao serviço das classes possuidoras; para vos matar uns aos outros. Hoje, mantendo-vos no terreno da luta de classes irreductível, deveis agir pela vossa própria causa, pelo escopo sagrado do socialismo, pela emancipação dos povos oprimidos e das classes escravizadas.

E' dever e tarefa dos socialistas dos povos beligerantes emprenderem esta luta com toda a sua energia. E' dever e tarefa dos socialistas dos países neutros ajudarem os seus irmãos, por todos os meios, nesta luta contra a barbaia sanguinária.

Nunca, na história do mundo, houve tarefa mais urgente, mais elevada, mais nobre; a sua execução deve ser a nossa obra comum. Nenhum sacrificio é excessivo, nenhum peso demasiado para alcançar este fim: o restabelecimento da paz entre os povos.

Operários e operárias, mães e pais, viúvas e órfãos, feridos e mutilados, a todos vós que soffreis a guerra e pela guerra, gritamos: Por cima das fronteiras, por cima dos campos de batalha, por cima das cidades e campos devastados,

PROLETARIOS DE TODOS OS PAISES, UNI-VOS!

(Setembro de 1915).

Em nome da Conferência socialista internacional: Georg Ledebur e Adolf Hoffman (alemães); A. Bourderon e A. Merheta (franceses); G. E. Modigliani e Constantino Lazzari (italianos); N. Nenin, Paulo Axelrod e M. Brohoff (russos); Lapinski, A. Warski e C. Hanécki (polacos); C. Racowski (romeno); Z. Hoglund (sueco); Ture Nerman (norueguês); H. Roland Holst (holandês); Robert Grimm e Charles Naine (suíços).

(Aderiram depois a este manifesto os socialistas ingleses, norte-americanos e portugueses (2), a federação socialista do Alto Vienne, de França, além de outras organizações. O relato da Conferência foi editado em França pela Federação dos Metais).

Trechos escolhidos

O povo tem, é verdade, os seus representantes; mas, porventura, serão eles os que vão representar no santuário das leis os direitos e os interesses dos que trabalham?

A junção dos governos modernos, que a soberania popular restringe a representar e colher os votos e vontades, convertendo-os em medidas e instituições de interesse de todos, é desmentida todos os dias.

Os governos impõem a sua vontade á dos representantes do povo, tornando nulas e perigosas todas as garantias que lhe pode oferecer a representação nacional. Invertem-se os papeis; um governo, que vive do apoio da nação, manifesta pelos representantes do povo, é hoje o que sustenta essa representação, fazendo eleger os que hão-de pugnar pelos interesses do povo, servindo-se de todos os meios ao seu alcance e por isso sempre ilegítimos.

As assembleias legislativas, destinadas a julgar os actos dos governos, são escolhidas por estes... Assim, as assembleias legislativas são escravas dos governos, que, a uma simples ordem, podem dissolvê-las: a voz dum ministro é capaz de fazer emmudecer as de todos os cidadãos representados nos seus delegados.

Tudo o que um governo preten-

de, é a sua vontade, e a vontade é a soberania popular; não é mais que um abaso de confiança dos cidadãos, e sinceramente declaramos que a representação nacional, longe de ser uma garantia para o país, serve apenas para livrar os governos da responsabilidade de oitioso em que passam incórcor perante a nação.

AVERTIRO A. DE MOURA FLEXEIRA.

AVERTIRO A. DE MOURA FLEXEIRA.

QUESTÕES SOCIAIS

A LUTA CONTRA

A TUBERCULOSE

De que renda necessitariam os dispensários, mutualidades, seguros e até mesmo os Estados, para manterem e garantirem as curas (?), permitindo a permanência nos lugares, em boas condições de existência, a todos os que necessitem desse auxilio?

Não haveria renda social suficiente para os manter, não haveria orçamentos de Estado capaz de custear as necessidades de melhoria dos tuberculosos mundiais, sem radicais modificações no regime económico da sociedade.

E' de notar que as estatísticas não fazem um registo completo, e os diagramas nosográficos (*) sempre se referem á franca fimatose (tuberculose) pulmonar, que não pode ser ocultada. Nos obituários, nem sempre são computados os casos renais, intestinais, ósseos, mesentéricos, etc., escapos ás perspicacias dos diagnósticos. A atrepsia, inanição das crianças, a gastro-enterite específica da infância, as perturbações tróficas dos ossos, passam, muitas vezes, por fora do computo geral.

Onde há rigores fiscaes de hygiene official, com todo o cortejo de ditaduras perigosas em nome da sciencia, acobertada com os grandes interesses da colectividade e da humanidade, os médicos de família são forçados, em casos de óbitos, a atestá-los, atribuindo-os a outras moléstias, não contagiosas ou de notificação compulsória, procurando eufemismos que não lhes comprometam os créditos, dando como afecções gripais, pneumónicas, etc., casos certos de tuberculose.

Maior, pois, se nos afigura a extensão desse mal cruelmente devastador, contra o qual são impotentes todas as therapeuticas, todas as charlatanescas panaceias. O mal é essencial e fundamentalmente social. Cresce com os requintes de civilização; satisfaz, com o sacrificio de múltiplas existências, as exigências canibais e cada vez mais frementes do Motoc industrial e capitalista; para lhe garantir o goso sossegado e o conforto; multiplica as vítimas que se sucedem, caem silenciosamente nos antros da miséria, no silêncio angustioso das poeilgas; na solenidade branca dos hospitais e... tira a desforra das injustiças sociais, vitimando, contaminando igualmente as familias detentoras do capital, levando-lhes o germen devastador nos fios dos ricos tecidos trabalhados por trêmulas e suarentas mãos de tuberculosas; invadindo-lhes os organismos com os aceites culinários e com o pão cotidiano, preparados e amassados por cosinheiros e forneiros tuberculosos.

Apesar dos sanatórios, dos dispensários, da hospitalização, do isolamento, das sistematicas desinfeções, da crueldade com que são afastados do trabalho, que lhes ocasiona o mal os atacados pela fimatose; apesar dos reclamos vistosos da caridade official e do bom-tom, as cifras da demografia tuberculosa, crescem assombrosamente, ano a ano, nos

RIDENDO

Chegon de novo a matar hoje a festa da familia, o que pra mim é quillita. E para outros um mal. Pois que é tal a barateza do que se pôe adira a meza. Que a lazeirice é fatal.

Já lá val esse tempinho. Em que a gente, nestes dias, Com visíveis alegrias, Echia o nosso papinho De batatas e badejo, Rabanadas, frutas, queijo E boas pingas de vinho.

Agora o pobre Zé-povo Só tem «fartura de fome»; E se o escasseiro não come Nem pága bem caro um ovo, Tal doce de peixe-capada Abicha de consoada Que sobra p'ro Ano Novo.

AMILCO.

países policiados, e que alguma coisa teem tentado para a limitação do mal, aniquilador do género humano.

No Rio de Janeiro, nos tempos em que a febre amarela e a varíola faziam incurações violentas e devastações anuais, a tuberculose fornecia sempre maior contingente de vitimas no obituário; hoje, quase que somente ella domina pavorosamente, devorando-nos crudelissimamente.

DR. FABIO LUZ.

Rio de Janeiro.

(*) Nosografia — Classificação das doenças.

A loucura humana

Francamente, a guerra actual não é mais nem menos do que a loucura humana. Pois pode lá ser outra cousa?... Mas não há que admirar, porque a burguesia, amadrontada, aterrorizada até, com o quadro sangrento que dia a dia os seus crimes vão originando, recorre á sua última tábuca de salvação, que no fundo não é mais do que um profundo abismo aberto á sua vida desregrada, desmoralizadora e victiosa... E tu, povo trabalhador! também endoideceste tu também queres associarte á loucura da burguesia impudica e sanguinária... Ah! povo trabalhador! o sangue empregado na trágica pintura daquele quadro é o teu e só o teu!... E viva a República! e viva a guerra! como tu dizes, bebado de entusiasmo com o estalar dos foguetos, com as notas harmoniosas da Portuguesa e da Maria da Fonte, entremeadas com as palavras sonoras dos políticos, enganadores e seus falsos amigos! Tu também endoideceste, ó povo trabalhador!

A guerra, que não é só a declaração da loucura furiosa da burguesia e o principio d'outra loucura talvez pior do mundo proletário, denunciou-nos evidentemente, eloquentemente, e a nenhuma firmeza de certos revolucionários sociais que antes do inicio de hecatombe, nos pregavam enfadonhamente que a guerra era um crime tão monstruoso como o da propriedade individual.

Ah! a lógica dos revolucionários guerrillistas! O que eles nos diziam! A guerra, sim — afirmam — é um mal necessário; esta guerra não é uma guerra como as transotas, porque esta guerra tem o cunho principal de ser uma guerra pela independência dos povos!

...Mas a lógica como é uma batata, a uma batata pôde, teem os revolucionários guerrillistas razão... E para provarem eloquentemente as suas afirmações provenientes dum estudo profundo, si temos a facilidade de viver, com os géneros alimentícios baratíssimos, e também o alçado e o vestuário. A Humanidade